

# **A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA COMO UM ESPAÇO DE FORMAÇÃO HUMANA: EXPERIÊNCIAS DISCENTES NA PROMOÇÃO E EDUCAÇÃO EM SAÚDE EM COMUNIDADES CARENTES NO DISTRITO FEDERAL<sup>1</sup>**

**Shawana Santos de FRANÇA<sup>2</sup>**  
**Eulânia Medeirosouza LIMA<sup>3</sup>**  
**Danilo Borges DIAS<sup>4</sup>**

## **RESUMO**

O presente estudo desenvolve elementos norteadores para se pensar a extensão universitária como um local pleno e capaz para o desenvolvimento de habilidades relacionais capazes de contribuir para o desenvolvimento humano de estudantes de graduação e de comunidades parceiras da universidade por intermédio de projetos de extensão como o SER+, da Universidade Católica de Brasília. Especificamente se fará uma discussão da função social da Extensão e uma abordagem do Projeto SER+. Na sequência se ilustrará as vivências de duas estudantes em atividades de promoção e educação em saúde em comunidades carentes do Distrito Federal, destacando como essa prática colaborou na formação humana e cidadã e em melhorias de condições de vida para as comunidades parceiras. A metodologia adotada foi a Observação Participante e o quadro teórico proposto assentou-se em Botomé (1997), Síveres (2013) e Jodelet (1999).

**Palavras-chave:** Extensão. Educação. Experiência Discente. Formação Humana

## **A EXTENSÃO E SUAS PREMISSAS**

*Encontrar na figura exterior os ecos da figura interna: ah, então é verdade que eu não imaginei: eu existo...*

Clarice Lispector

A Universidade Católica de Brasília é uma Instituição filantrópica, Católica, de Ensino Superior privada e brasileira, localizada na cidade de Taguatinga, no Distrito Federal e com Campi nas cidades de Taguatinga e Brasília. Criada em 1974, a

---

<sup>1</sup>Proposta apresentada ao II Seminário de Educação – Campus XII/Universidade Estadual da Bahia. Eixo Formação Humana e Gestão do Cuidado na Educação e na Saúde.

<sup>2</sup>Graduanda em psicologia do quarto semestre e participante do Projeto SER+ Universidade Católica Brasília: shawsantos11@gmail.com

<sup>3</sup>Graduanda em psicologia do quarto semestre e participante do Projeto SER+ Universidade Católica Brasília: eulania.msl@gmail.com

<sup>4</sup>Professor Mestre e Gestor do Projeto SER+ Universidade Católica de Brasília: daniloborges79@gmail.com

Faculdade Católica de Ciências Humanas (FCCH) foi a primeira unidade de ensino oferecendo três Cursos: Economia, Administração e Pedagogia. Com o passar dos anos, a Faculdade organizou-se em uma estrutura de ensino e valores cuja base se tornava cada vez mais sólida, o que possibilitou a instalação das Faculdades Integradas da Católica de Brasília. Quinze anos mais tarde, a Católica foi reconhecida pelo Ministério da Educação como Universidade, mantendo em sua essência a promoção do conhecimento, sem se descuidar da espiritualidade baseada na ética cristã.

Os cursos de graduação são oferecidos no Campus I localizado na Região Administrativa de Taguatinga, espaço econômico e politicamente diferenciado. Inicialmente, Taguatinga não era um grande polo. O fato de ter uma universidade na região acabou atraindo o crescimento econômico e populacional em torno das instalações da Universidade. A cidade e a universidade cresceram em conjunto. Isso acabou contribuindo para o aspecto social e de interação com a comunidade local.

A Universidade Católica de Brasília (UCB) tem como referência para todas as ações a sua missão que é “atuar solidária e efetivamente para o desenvolvimento integral da pessoa humana e da sociedade, por meio da geração e comunhão do saber, comprometida com a qualidade e os valores éticos na busca da verdade”. Outra fonte de inspiração para as ações e projetos são os quatro eixos estruturantes que a definem e orientam sua práxis: a pastoralidade, a extensionalidade, a sustentabilidade e a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, que estão expressos no Projeto Político Institucional (PPI) da UCB, como forma de balizar e de constituir a Universidade como uma instituição comprometida com o conhecimento a serviço da vida, nas suas diferentes formas de manifestação.

Por seu histórico, marcadamente comprometida com a sociedade local, a Universidade católica de Brasília, manteve sempre uma preocupação com a extensão universitária tanto no sentido conceitual como na práxis pedagógica. Na UCB a extensão é entendida como princípio e processo de aprendizagem e como tal relaciona-se com o conhecimento, a aprendizagem e o compromisso social, por meio de ações que dão relevância política e ética ao saber produzido além de ações que levam à socialização deste saber.

Do ponto de vista conceitual, extensionalidade e extensão são coisas distintas. Por extensionalidade entende-se um princípio ético que ajuda a nortear as ações

acadêmicas e de gestão. Já a extensão refere-se a todas as ações que têm contato direto com as comunidades externas, visando estabelecer parcerias para a sua autonomia e sua autogestão.

A extensão é um processo de aprendizagem, na medida em que compreende o conhecimento como um projeto ético e político, com o objetivo de formar um cidadão competente e capaz de intervenções propositivas na sociedade. Aprender, nessa perspectiva, é pronunciar o mundo, modificá-lo (DIRETRIZES DE EXTENSÃO UCB, 1999, p.19)

Há que se ressaltar, entretanto, que não se constitui tarefa simples propor ações extensionistas em cursos de graduação, por diversos motivos, que vão desde as dificuldades de gestão destas práticas, a excessiva preocupação com o conteúdo formal das disciplinas, as diferenças na formação dos professores que ministram mesmas disciplinas até a falta do entendimento de qual seja a importância da atividade extensionista para a formação do estudante de graduação.

A extensão universitária no Brasil já passou por diversas fases e experimentou diversos “modelos”, desde o modelo da “difusão de conhecimento”, elitizado e totalmente desvinculado das questões políticas nacionais, a um modelo de “desenvolvimento da comunidade” que visava à troca de experiências acadêmicas e populares, prontamente abafado quando do Golpe de 64.

Nesse novo modelo a preocupação era de um lado, levar o conhecimento que a universidade acumulava, sistematizava e produzia para os segmentos sociais empobrecidos que dele necessitavam e, de outro, ouvir o conhecimento que estas comunidades produziam para, assim, se estabelecer um diálogo de saberes. Contudo, mesmo com o intenso envolvimento de jovens estudantes e de docentes nas fronteiras em que as decisões sociais aconteciam (alfabetização, sindicatos, cooperativas, organizações sociais urbanas e rurais e outros) dando ao conhecimento uma dimensão política, esta concepção de extensão não conseguiu impactar a universidade como um todo (DIRETRIZES DA EXTENSÃO DA UCB 2009). Esse modelo foi substituído, após a reforma universitária de 1968, por um modelo assistencial e de prestação de serviços, em “*uma nova concepção, radicalmente oposta ao modelo anterior*”.

Nos anos 70, a extensão passa a assumir a demanda do chamado “milagre econômico”, ou seja, a extensão como “prestadora de serviços”. Só em meados dessa década, a partir da articulação entre o MEC (Ministério da Educação e Cultura), o CRUB (Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras) e as Universidades

Públicas, Comunitárias e Confessionais observou-se a necessidade de vinculação entre ensino, pesquisa e extensão, alçando a extensão ao mesmo patamar do ensino e da pesquisa, o que fez surgir o conceito da indissociabilidade entre estas três atividades acadêmicas, referendadas na Constituição de 1988.

Estes modelos ou concepções de extensão universitária não são excludentes e nenhum deles é hoje hegemônico. O MEC, inclusive, reconhece todos eles, muito embora o ideal buscado seja o da indissociabilidade: a extensão como princípio acadêmico deve fazer-se presente em todas as atividades universitárias.

A experiência em um projeto de extensão pode ser decisiva para a formação de um estudante. Assim ele vivencia a dimensão ética e crítica e passa a ficar atento às questões sociais e políticas do meio em que vive.

A extensão é uma ação acadêmica que, pela comunicação do conhecimento e com metodologia apropriada, contribui com a sociedade por meio da sua função social, técnica, científica, ética e política. Por meio dessas ações, se afirma a identidade institucional e se confirma a sua finalidade educativa que se manifesta, por meio do compromisso social, enquanto implicada com projetos democráticos-participativos da sociedade e sua sustentabilidade social (DIRETRIZES DE EXTENSÃO DA UCB 2009, p.28)

Isso levou à necessidade imperativa de uma ação institucional para permitir que todo estudante matriculado em um curso de graduação possa participar de ações de extensão de médio ou longo prazo. A instituição reconhece formalmente estas horas dedicadas à extensão e as fazem constar no currículo do estudante. O reconhecimento dessa necessidade impele à busca por alternativas para superar tudo o que dificulte o acesso do estudante aos projetos de extensão.

O papel da Extensão, no sentido de ser uma instância privilegiada de diálogo entre os diversos modos de conhecimento, entre a comunidade acadêmica e sociedade, e entre as necessidades e possibilidades de solução dos problemas sociais. Dentro desse princípio dialógico, é recomendável compreender o Ensino, a Pesquisa e a Extensão como possibilidades de aprendizagem e como oportunidades para ajudar no desenvolvimento da sociedade. (FOREXT, 2006)

Participar ativamente de um projeto de extensão qualifica a experiência acadêmica dos estudantes. Foi com base nessa premissa que a Universidade Católica de Brasília criou o um projeto específico para acolher todos os estudantes de graduação.

## O PROJETO SER+ E SUA ABORDAGEM TEÓRICA

Uma das respostas da Universidade a intensa demanda e vontade dos estudantes de estarem em contato com a comunidade fez com que a instituição se manifestasse e construísse respostas a isso. Uma delas foi a criação em implementação do projeto SER+ para atender a todos os estudantes matriculados em qualquer curso de graduação.

O Projeto foi criado em 2011 com o objetivo de que o estudante de graduação possa levar para a sala de aula e para as suas pesquisas, juntamente com seus professores, questões que compõem as diversas realidades em que se encontra, as quais contribuem para a construção do conhecimento.

A ideia forte do projeto é que o sentido ético do conhecimento precisa ser construído pelos atores envolvidos, pois vai além de um discurso. Sendo assim, ao participar do projeto, os estudantes, entram em contato com perguntas que ambos precisam partir em busca de possíveis respostas.

A participação do estudante no projeto ajuda-o na construção do conhecimento com relevância ética e comprometimento solidário de forma efetiva, não por imposição, mas por adesão a partir de estudos e vivências. O Projeto SER+ vale-se, especialmente, de dois eixos dos documentos da Universidade: a extensibilidade e a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, o que o tem tornado um projeto de grande relevância para a Universidade, proporcionando vivências, acúmulos de saberes e reflexões aos participantes ao mesmo tempo em que as comunidades parceiras que acolhem tais sujeitos podem se beneficiar de maior presença humana capaz de ajuda-las a pensar soluções às problemáticas do cotidiano.

Além dos aportes dos documentos institucionais o projeto fundamenta-se em alguns autores que oportunizam reflexão sobre o papel da educação nos dias atuais e nas possibilidades de construção da cidadania. Um dos autores destacados nesse texto é Morin que aborda os desafios para a educação. Aponta a compreensão como a razão do conhecimento. Conhecer para compreender, eis o desafio. Outro autor, Boaventura de Souza Santos, aponta a relevância da construção da cidadania nos espaços educativos. Para Peruzzo (2004), a construção da cidadania também passa pela possibilidade de acesso do cidadão aos sistemas comunicacionais que possibilitem um agir sistemático, seja em âmbito local, regional ou mundial com vistas ao bem-comum e com a perspectiva de se fazer da alteridade uma questão cotidiana, equilibrando relações entre as pessoas iguais ou diferentes.

Segundo, Morin (2000), a situação é paradoxal. Ao mesmo tempo em que crescem as possibilidades e acesso a comunicação, a compreensão parece perder espaço entre as pessoas e instituições. Por esse motivo aponta a compreensão como um dos desafios da educação em nossos dias. Entende-se por compreensão aqui a dimensão intelectual e a dimensão humana. Tal concepção de compreensão adotada por Morin pode ser percebida em diversos aspectos relacionados ao campo comunicacional. Para tanto, Castells (2010) nos oferece as definições e abordagens de “sociedade em rede” e as relações entre a rede e o Ser. A primeira se reporta ao momento histórico no qual vivemos, uma sociedade tecnologicamente emergente, na qual todos interagem de diversas maneiras, em diferentes níveis e âmbitos mediados por tecnologias mais ou menos avançadas que, facilitam e agregam, mas que ao mesmo tempo, resgatando a questão paradoxal, pode apartar e distanciar. A segunda faz menção direta à maneira como o indivíduo se reconhece e se (re)constrói no meio no qual está inserido.

Tais abordagens contribuem para que tenhamos mais elementos que colaborem com a construção da cidadania em espaços educativos e de aprendizagem, como a universidade e suas ações extensionistas. É uma ousada tentativa de se acabar com a Indiferença aos conteúdos e a comunicação sem finalidade e sem público. É mudar a lógica e o isolamento do ser social e, ainda, a valorização do ser individual, comumente percebido nas universidades enquanto estas consideradas, tomando licença para o uso corrente, “Torres de Marfim” – uma instituição preocupada exclusivamente consigo mesma.

As práticas educativas têm dado conta, em certa medida, da compreensão intelectual, mas ainda lhe falta a dimensão da compreensão humana, pois essa exige a inclusão do outro como sujeito, o desenvolvimento de um processo de empatia, de identificação e de projeção (Morin, 2000, pag. 95).

## **AS EXPERIÊNCIAS DISCENTES**

### **CONTEXTUALIZAÇÃO**

Os estudantes dos cursos de graduação reconhecem a importância das ações de extensão em sua trajetória acadêmica, e nós, Eulânia Medeiro Souza Lima e Shawana Santos de França, que cursamos o quarto semestre do curso de Psicologia, na Universidade Católica de Brasília, queríamos somar à nossa formação acadêmica

mediante a participação em um projeto de extensão. Então, realizamos, no segundo semestre de 2014, o projeto SER+ num instituto no qual desenvolvíamos atividades com adolescentes de treze a dezessete anos. Nosso intuito era atuar num lugar em que nos aproximássemos da comunidade e das pessoas desta, local este que fosse externo ao âmbito universitário. Buscávamos compreender de que maneira a convivência entre os adolescentes influenciava na perspectiva de vida e opiniões pessoais de cada um, pois a interação social provoca crenças compartilhadas que não dependem exclusivamente das percepções individuais de cada pessoa.

Tanto na criança como no adulto vêem-se muitas vezes atos psíquicos cuja explicação implica outros atos que não dependem de representações individuais. Esses atos não são apenas as percepções de outros, ou atitudes com respeito a grupos étnicos. Nas nossas conversações cotidianas menos reprimidas encontramos-nos confrontados com imagens lingüísticas ou influências que vêm à mente sem que sejamos nós sua origem [...]. Todos esses atos permanecem sem coerência se nós afirmamos que eles são deduzidos de raciocínio ou expressões individuais, mas eles podem ser combinados em um todo cuja coerência pode ser descoberta quando se leva em conta as representações sociais pressupostas. (Moscovici, 2010, p.181)

## **OBJETIVOS**

Em relação aos adolescentes, pretendíamos:

- Contribuir com a formação acadêmica deles, a partir de temas relacionados ao seu dia a dia;
- Auxiliar na reflexão e desenvolvimento a respeito da sua perspectiva de futuro;
- Incentivar motivações, interesses e planos profissionais;
- Contribuir com o melhor relacionamento existente entre eles;
- Colaborar com a reflexão e melhora a respeito da imagem que eles possuem de si mesmos.

## **METODOLOGIA**

### **Conteúdo programático**

Qualidade de vida, Situações de risco, Mercado de trabalho, Construção do projeto de vida, Autoestima, Diversidade Cultural, Educação para os valores, e Criatividade.

### **Preparação para o trabalho de campo**

O projeto foi realizado em um instituto que oferece cursos no horário contrário da aula para adolescentes de treze a dezessete anos, no período de setembro a dezembro de 2014. Para a realização das atividades eram montados, previamente, plano de atividades, que eram enviados para a coordenadora do instituto, para que houvesse a aprovação desta.

### **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Ao iniciarmos as atividades em tal instituto, tínhamos a impressão de que estaríamos apenas acompanhando as aulas dos adolescentes, vendo a diversidade dos pensamentos e debatendo assuntos do cotidiano com eles, algo que para nós já era gratificante. Então, houve a desconstrução desta primeira impressão quando iniciamos o projeto e nos surpreendemos ao nos deparar com a oportunidade ímpar de observar o espaço de maneira mais minuciosa, onde pudemos conhecer um pouco mais sobre as individualidades de cada estudante, tendo o privilégio de esclarecer dúvidas a respeito da Universidade, por exemplo, sobre a qual muitos deles tinham curiosidade, mas não sabiam como funciona a realidade acadêmica fora do âmbito do ensino fundamental/médio. A observação, que “é utilizada para coletar dados acerca do comportamento e da situação ambiental” (Danna; Matos, 2006, p.12), nos permitiu perceber que seria pertinente a elaboração de debates com temas desde a entrada no mercado de trabalho, até a rotina saudável, pois independentemente de os adolescentes não terem conhecimento científico sobre determinados temas, eles mostraram ter muito a contribuir com os debates que propúnhamos, então aferimos que seria importante buscarmos, embora em um curto espaço de tempo, meios pelos quais pudéssemos fomentar nos estudantes o interesse de compartilhar seus conhecimentos e experiências.

Alguns dos temas propostos no Plano de Ação e desenvolvidos em conjunto com os adolescentes foram, por exemplo, “Qualidade de vida”, “Situações de risco” e “Mercado de Trabalho”. Estes foram realizados através de dinâmicas, exibição de vídeos sobre o respectivo assunto e explicações orientadas por slides. Alguns temas, como “Mercado de trabalho”, precisaram ser debatidos em mais de um dia. Em um dos encontros falamos sobre cursos profissionalizantes, e na semana seguinte discutimos a



respeito das formas de entrada no Ensino Superior. Em determinados encontros, não conseguimos concluir o que estava planejado, pois, às vezes, os adolescentes estavam bastante agitados e a realização das atividades ocupava mais tempo do que havíamos programado. Nós sempre nos preparávamos para cumprir o conteúdo no horário previsto para o término da aula, e quando ocorria algum imprevisto, por exemplo, relacionado a comportamentos inadequados dos estudantes, os professores fixos da instituição precisavam interromper nossa apresentação para retirar alunos que estavam inviabilizando a continuação do debate ou para conversar com aqueles sobre seus comportamentos. Com isso, o tempo para a realização das atividades ficava compactado, mas sempre buscávamos maneiras de fazer com que isso não prejudicasse significativamente a discussão do tema proposto para aquele momento.

Nos primeiros encontros com os adolescentes, organizamos nossa apresentação a partir da exposição de slides, que orientavam nossa fala. No entanto, as aulas com foco expositivo atraíam a atenção dos estudantes por pouco tempo. Então, percebemos que precisávamos que, além da nossa fala, eles também participassem mais significativamente dos debates. Portanto, buscamos novas atividades e dinâmicas para realizarmos, com a finalidade de interagir com cada um, ouvindo suas opiniões pessoais e contribuições sobre o tema.

Em um encontro levamos balões com perguntas dentro destes, ou com palavras-chave relacionadas ao tema para que eles pudessem desenvolver uma forma de se comunicar e de se expressar durante o debate. Dividíamos, muitas vezes, a sala em grupos de sete alunos (a turma possuía trinta estudantes) e pedíamos que eles debatessem temas sobre o mercado de trabalho, quando este era o tema, ou sobre alimentação saudável, por exemplo. Também desenvolvíamos atividades ao ar livre, sentávamos em círculos e propúnhamos dinâmicas de grupo para o início das aulas como, por exemplo, cada adolescente descrever o colega ao lado, para que eles apontassem semelhanças e diferenças entre eles, com o intuito de descobrir pontos em comum, e, também aprender a conviver com as diferenças. Em determinados encontros pedíamos que os estudantes expusessem em uma folha de papel algo em que tivessem dificuldade ou possíveis dúvidas que surgissem, sem a necessidade de se identificarem, para que eles não sentissem receio quanto a serem expostos. No decorrer do projeto, entendemos que realizar mudanças relacionadas aos métodos que utilizávamos para debater cada tema, fez com que os adolescentes tivessem maior participação nos debates.

Tais temas foram desenvolvidos semanalmente, sendo que o tema “Qualidade de vida”, por exemplo, teve como foco a alimentação, para que pudéssemos discutir sobre qual era a rotina alimentar dos adolescentes e trazer uma reflexão sobre o que poderia ser modificado nesta para deixá-la possivelmente mais saudável. Trabalhando o tema “Situações de risco”, utilizamos como foco o prejuízo que o uso do álcool e outras drogas podem trazer para a saúde. Realizamos um debate sobre o tema para que os adolescentes pudessem expor para nós o que pensavam a respeito do assunto. Ao desenvolver o tema “Mercado de trabalho”, realizamos uma exposição da importância dos cursos profissionalizantes e de como estes preparam os estudantes para serem inseridos no mercado de trabalho, e, após isso, fizemos um debate com os adolescentes sobre o que eles já sabiam a respeito do assunto, e sobre o que eles acreditavam que aquela aula tinha contribuído para o conhecimento deles.

A atuação fora do âmbito Universitário, proporcionada pelo projeto SER+, nos trouxe grande aprendizado a cada novo encontro com os adolescentes. Nos debates com estes, ensinamos e aprendemos a ter paciência na convivência com o próximo, e a escutar e dar espaço para que as outras pessoas exponham suas ideias e anseios. Em diversos momentos, conversamos com os estudantes sobre o respeito que precisamos ter com a fala do outro para mantermos um espaço tranquilo de debate de ideias, sem oprimir pessoas que têm opiniões contrárias às nossas.

Aprendemos a ver, também, o mundo com outros olhos. Já tínhamos certa noção de que muitas pessoas não tem conhecimento, por exemplo, de como é importante ter uma boa alimentação para manter-se saudável, e ao palestrar sobre alimentação saudável tivemos que estudar sobre ela, e isso auxiliou numa reflexão de nossa parte, pois nós mesmas deixamos de ter alguns maus costumes na alimentação. Durante alguns debates, percebemos que muitos daqueles adolescentes não sabiam o que significava, por exemplo, o ENEM ou para que servia, então pudemos analisar a importância de repassar as informações que temos para aquelas pessoas que ainda não tiveram a oportunidade de entrar em contato com elas. Aprendemos que há uma vasta diversidade de personalidades e que devemos aprender a lidar com cada uma. Essas experiências, acreditamos, nós iremos levar para o resto da vida.

Sempre que nos recordamos da contribuição que exercemos na vida dos adolescentes com os quais tivemos contato nos emocionamos, porque percebemos mudanças nos comportamentos dos adolescentes, por exemplo, em relação ao planejamento do próprio futuro, pois quando perguntamos aos adolescentes, no primeiro

dia de atuação com eles, qual era o seu maior sonho, um deles disse: “Quero ganhar dinheiro, e só!”. Já no último dia retomamos a mesma pergunta e o ouvimos dizer: “Como faz pra cursar educação física lá onde vocês estudam?”. Logo na primeira semana nós ouvíamos comentários aleatórios, como, por exemplo, “já chegaram as meninas da Católica”, e observamos que houve uma resistência ao nosso trabalho no começo.

Alguns desses adolescentes estavam em situação de vulnerabilidade ou viviam em conflito familiar, sofrendo agressões físicas e morais dentro de suas casas, então possivelmente não tinham incentivos, por parte de seus familiares, em relação aos estudos. Alguns afirmavam estar ali (no instituto) por obrigação, pois, com isso, receberiam um certificado. Notamos que, dessa forma, a aprendizagem adquirida pelos estudantes seria a chamada Aprendizagem mecânica, que, segundo Moreira (2008), ocorre sem real compreensão e sem atribuição de significado ao conteúdo, sendo este esquecido pouco tempo depois. Nossa intenção era auxiliar na Aprendizagem significativa dos adolescentes, que “está, então, na interação entre os novos conhecimentos e aqueles já existentes na estrutura, porém de maneira não-arbitrária e não-literal. É nessa interação que o significado lógico do material de aprendizagem se transforma em significado psicológico para o aprendiz” (Moreira, 2008, p.18). Nosso objetivo era que, a cada encontro, conseguíssemos provocar alguma reflexão nos estudantes, e que eles conseguissem relacionar o conteúdo proposto com seu dia a dia.

No instituto no qual realizamos o projeto, os adolescentes tinham cursos profissionalizantes, como secretariado e informática. Alguns adolescentes afirmavam que eles jamais conseguiriam entrar na Universidade, pois nós só estudávamos na Universidade Católica pelo fato de termos boas condições financeiras, mesmo não sabendo que, na realidade, nós estudamos em tal instituição através de programas do governo, o que nos mostrou, após debates mais aprofundados, que tais adolescentes não tinham informações sobre as maneiras de ingressar no ensino superior através de bolsa de estudos e financiamento estudantil, por exemplo. Consideramos que não ter acesso a tais informações prejudica a perspectiva de futuro desses adolescentes, que ficam privados de usufruir de direitos básicos que todos possuímos, como o de acesso à educação de qualidade. Então, ao buscar inserir-se no mercado de trabalho, por exemplo, esses estudantes possivelmente encontrarão dificuldades por não ter a mesma formação acadêmica que outros estudantes que, além de ter oportunidades de acesso ao ensino superior, tiveram uma formação básica de qualidade.

"Devido à desigualdade de condições, exigir competição entre desiguais, é ganhar de antemão. [...] Na legitimação da exclusão, é necessário encontrar uma vítima expiatória sobre quem descarregar o pecado de marginalização, ou quase genocídio, de milhões. Essa vítima é o próprio excluído." (Sawaia, 2001, p.154)

Durante a realização do projeto, iniciamos o planejamento de palestras motivacionais, com debates sobre o que de fato é a Universidade e que eles poderiam, sim, ingressar no ensino superior ao concluir o ensino médio. Realizávamos dinâmicas com o intuito de incentivar o pensamento reflexivo deles diante de várias questões, desde a alimentação saudável até o uso de drogas. Alguns debates eram realizados em lugares ao ar livre no instituto, nos quais discorriamos sobre assuntos, por exemplo, a respeito de onde e como eles queriam estar daqui a cinco anos, e de que forma planejavam conquistar isso. Após três semanas, aproximadamente, começamos a perceber mudanças no que eles relatavam sobre sua perspectiva de futuro. Uma adolescente, que tinha receio de falar que queria cursar arquitetura porque outro adolescente ria dizendo que tal profissão é masculina, começou a expor isso e erguia-se para perguntar: "como eu faço pra conseguir uma bolsa na faculdade?".

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em uma instituição universitária são muitos os processos e projetos que se movimentam ao mesmo tempo. A construção do conhecimento com significado para o estudante e relevância ética e política para a comunidade precisa cada vez mais ser pensado de forma indissociável. A instituição de ensino necessariamente precisa estar em constante comunicação com a comunidade fora dela. Os estudantes da universidade são importantes atores no processo de comunicação entre ela e a comunidade externa.

No tocante à perspectiva e nas palavras discente, sabemos que ingressar no ensino superior nem sempre é tarefa simples, e relatávamos isso para os adolescentes, mas sempre com o cuidado de salientar que se esse era o objetivo deles, era importante não desistir. Fizemos explicações a respeito do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), Programa de Avaliação Seriada (PAS), Programa Universidade para todos (ProUni) e várias formas de se adquirir uma bolsa para ingressar na Universidade. Ao final era gratificante receber bilhetinhos daqueles estudantes mais tímidos agradecendo pelo dia com eles, ou dando suas sugestões de dinâmicas.

Por fim, gostaríamos de sugerir à extensão como um todo e à Universidade Católica de Brasília mais apoio aos estudantes participantes dos projetos de extensão. Encontramos disponíveis os projetos e as orientações, mas não há, por exemplo, transportes para que possamos efetivar os projetos que se desdobram externamente à universidade e alguns materiais necessários para a realização das atividades. Nós, na realização do projeto, tivemos apoio tanto da parte do SER+ quanto da parte do instituto no acesso a materiais. Tivemos acesso a materiais escolares e equipamentos, como computador e data-show. A dificuldade encontrada por nós foi em relação ao transporte, que, claro, compreendemos que dependia não só da extensão, mas da Universidade. Acreditamos que seria de grande auxílio a disponibilização de meios para a locomoção, facilitando, assim, o desenvolver do projeto com excelência.

Quanto aos futuros estudantes que ingressarão na UCB nos próximos semestres, deixamos, com brado, o seguinte conselho: explorem o mundo universitário! Explorem tudo a que vocês têm direito, apreciem cada momento, realizem as atividades com amor e por amor. Dentro da Universidade existem muitas possibilidades quanto a projetos que podem ser realizados e que trazem imensa aprendizagem e experiência. O projeto SER+ nos proporcionou uma oportunidade grandiosa de atuar na comunidade próxima da universidade na qual estudamos, levando para fora da sala de aula nossa vivência universitária.

Uma palavra que podemos utilizar para descrever nossa experiência na extensão é esperança. Esperança de termos auxiliado os adolescentes a refletir sobre seu dia a dia, sobre seus projetos para o futuro, sua vontade de SER+ e a não desistir de seus objetivos. Mesmo perante as dificuldades que encontrávamos, mantínhamos o pensamento de que se, numa sala com trinta alunos, conseguíssemos fazer pelo menos um deles sentir vontade de se empenhar em sua formação acadêmica, por exemplo, nosso objetivo já estaria sendo cumprido. Foi gratificante passar por tal experiência tão enriquecedora junto ao projeto SER+.

## REFERÊNCIAS

- DANNA, Marilda Fernandes. Maria Amélia Mattos. Aprendendo a Observar. -1 ed.- SP: EDICON, 2006, p. 11-19.
- DIRETRIZES DE EXTENSÃO. **Série UCB planejamento e gestão**. Brasília, 2009.
- FOREXT. **Fórum Nacional de Extensão e Ação Comunitária das Universidades e Instituições de Ensino Superior Comunitárias. A extensão nas Universidades e Instituições de Ensino Superior Comunitárias: Referências Teórico e Metodológica**. Recife, 2006. (Apostila). Disponível em: <<http://www.pucminas.br/documentos/recifeforext.pdf>> Acesso em 20 fev. 2014.
- LISPECTOR, Clarice. **Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1968.
- MOREIRA, M. A. A teoria da aprendizagem significativa segundo Ausubel. In: Masini, E. F. S.; Moreira, M. A. e cols. Aprendizagem significativa: condições para ocorrência e lacunas que levam a comprometimentos. São Paulo: Vetor, 2008, p. 15-44.
- MOSCOVICI, S. A história e a atualidade das representações sociais. In: Representações Sociais: investigações em psicologia social. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2010, p 167-214.
- PERUZZO, C.M.K. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania**. 3ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1998.
- SAWAIA, B. Introdução: exclusão ou inclusão perversa. Em Sawaia Bader (org). As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 151-154.
- SÍVERES, Luiz. **A extensão universitária como princípio de aprendizagem**. Brasília: Editora UNESCO, 2013.